

# Trimestral 2T/2016

Têxtil e Vestuário no Contexto Nacional  
e Internacional



**cenit.**

# Ficha técnica

## TÍTULO

Têxtil e Vestuário no Contexto Nacional e Internacional

Publicação Trimestral – Abril a Junho/2016

## PROPRIEDADE

CENIT – Centro de Inteligência Têxtil

## COORDENAÇÃO GERAL

Manuel Teixeira

## DATA DE EDIÇÃO

Outubro de 2016

# Índice

<b>05</b>	1. Introdução
<b>07</b>	2. Conjuntura económica global
<b>07</b>	2.1. Atividade económica
<b>11</b>	2.2. Preços e taxas de câmbio
<b>13</b>	2.3. Taxas de juro e mercados financeiros
<b>16</b>	2.4. Mercado de trabalho e custos do trabalho
<b>17</b>	2.5. Perspetivas para o futuro próximo
<b>19</b>	3. Comércio internacional de têxteis e vestuário
<b>23</b>	4. Têxtil e vestuário em Portugal
<b>23</b>	4.1. Evolução da atividade económica
<b>24</b>	4.2. Relevância do comércio internacional
<b>28</b>	4.3. Estrutura do comércio internacional



# 1. Introdução

O presente documento tem como intuito apresentar, de forma condensada e pragmática, informação relevante sobre a indústria têxtil e de vestuário (ITV) em termos de dinâmica trimestral, almejando contribuir para a definição e afinação adequada de estratégias de crescimento e de internacionalização das empresas portuguesas.

Para tal, coligiu-se e sistematizou-se um conjunto de dados estatísticos oficiais sobre a ITV no contexto nacional e no contexto internacional, sem deixar de conferir um enquadramento mais amplo, relativo à economia em geral.

Para além deste ponto introdutório, enquadrado no âmbito do Capítulo 1, o corrente documento estrutura-se em torno de três capítulos adicionais.

O Capítulo 2 é dedicado à apresentação, sintética, da evolução da conjuntura económica portuguesa, procedendo-se, sempre que oportuno, à sua comparação com a realidade internacional.

Por sua vez, o Capítulo 3 é dedicado ao contexto internacional, centrando-se, para o efeito, em dados do comércio mundial, num primeiro passo relativo à globalidade das mercadorias e, de seguida, relativo aos produtos da ITV.

Por fim, o Capítulo 4 centra-se na ITV portuguesa e, mais concretamente, nos seus fluxos de comércio mundial, apresentando-se aqui um maior nível de detalhe da informação,

























relativamente aos dois capítulos anteriores, quer do ponto de vista dos produtos que perfazem a ITV e do seu alinhamento com a especialização produtiva portuguesa, quer do ponto de vista dos indicadores analisados. Este último capítulo pretende, no fundo, constituir-se como uma base fiável e útil para a identificação de oportunidades para a internacionalização das empresas portuguesas da ITV.

Atendendo à periodicidade trimestral desta publicação, a apresentação da informação segundo este horizonte temporal de análise encontra-se patente, sendo que, para assegurar a maior uniformidade possível na leitura dos dados e indicadores apresentados, procurou-se dar um claro enfoque ao 2.º trimestre de 2016. De acordo com a natureza dos dados e indicadores selecionados, a análise é apresentada em termos homólogos e em cadeia.

As fontes de informação foram selecionadas com base na conjugação de dois critérios: grau de disponibilização de informação enquadrável com o horizonte temporal visado no estudo e credibilidade da informação fornecida. Neste sentido, destaca-se o recurso a dados e indicadores provenientes das seguintes fontes: Banco de Portugal (BdP), Banco Central Europeu (BCE), Comissão Europeia (CE), Energy Information Administration (EIA), European Money Markets Institute (EMMI), Eurostat, Instituto Nacional de Estatística (INE), International Trade Centre (ITC) e Office of Textiles and Apparel (OTEXA).

## Painel de bordo (2.º trimestre de 2016)

Variações homólogas

Produto Interno Bruto	Indicador de sentimento económico	Indicador de atividade económica
 1,0 %	 2,3 %	 2,0 %
Produção industrial	Volume de negócios na indústria	Índice de preços no consumidor
 0,6 %	 2,8 %	 0,5 %
Índice de preços no produtor	Preço do Brent (USD/barril)	EUR/USD (média trimestre)
 5,0 %	 26,2 %	 2,2 %
EURIBOR a 3 meses	Yield das OT a 10 anos	Taxa juro em novas operações de crédito (< 1M€)
 0,25 p.p.	 0,76 p.p.	 0,78 p.p.
Taxa de desemprego	Custo do trabalho	Apreciação sobre a situação atual da economia
 1,1 p.p.	 1,0 %	 2,8 p.p.
Vendas nos próximos 3 meses	Exportações nos próximos 3 meses	Perspetivas sobre a evolução da economia
 2,2 p.p.	 7,8 p.p.	 3,2 p.p.
Exportações mundiais de mercadorias (dados provisórios)	Exportações mundiais têxteis e vestuário (dados provisórios)	Exportações portuguesas de mercadorias
 4,8 %	 3,1 %	 1,5 %
Importações portuguesas de mercadorias	Exportações portuguesas de têxteis e vestuário	Importações portuguesas de têxteis e vestuário
 3,4 %	 7,0 %	 5,2 %

## 2. Conjuntura económica global

### 2.1. Atividade económica

A economia portuguesa estabilizou, no 2.º trimestre de 2016, a trajetória de desaceleração, segundo os dados do Eurostat, registada desde o 3.º trimestre de 2015, mantendo inalterado, em relação ao trimestre anterior, o crescimento do PIB na ordem de 1,0% no 2.º trimestre de 2016.

**Em termos homólogos, no 2.º trimestre de 2016, destaca-se a quebra do investimento**

**O crescimento homólogo das exportações ficou acima do crescimento das importações**

**O indicador de sentimento económico revelou uma evolução positiva, após uma ligeira contração no trimestre transato**

**O indicador de atividade económica prosseguiu a trajetória descendente dos últimos trimestres**

**Os índices de volume de negócios nos serviços e no comércio revelaram uma evolução positiva, em comparação com o trimestre transato**

**O índice de preços no consumidor no 2.º trimestre de 2016 acelerou 0,5% face ao período homólogo**

		2T/2014	3T/2014	4T/2014	1T/2015	2T/2015	3T/2015	4T/2015	1T/2016	2T/2016
Consumo privado	Portugal	1,9	2,9	2,1	2,8	3,4	2,1	1,9	2,5	1,6
	Zona Euro	0,6	0,8	1,1	1,7	1,8	1,9	1,7	2,0	1,9
Consumo público	Portugal	-0,3	0,1	-1,1	-0,2	1,1	1,1	1,3	1,4	0,8
	Zona Euro	0,6	0,7	0,7	1,1	1,3	1,3	1,7	2,0	2,0
Investimento	Portugal	2,2	1,7	3,7	0,1	9,6	3,0	5,8	-2,1	-2,1
	Zona Euro	3,9	1,7	2,3	1,5	0,5	2,3	4,7	2,4	3,6
Exportações	Portugal	3,1	3,8	6,0	7,7	7,6	5,6	3,7	3,7	1,9
	Zona Euro	3,8	4,8	5,3	7,2	7,3	5,8	5,0	2,5	2,5
Importações	Portugal	5,1	6,8	8,7	7,6	13,0	6,4	6,0	4,8	1,5
	Zona Euro	4,6	4,8	5,5	6,9	6,4	6,0	6,1	3,4	4,0

Fonte: Eurostat

Sistematiza-se, de seguida, um conjunto de dados sobre a atividade económica nacional, destacando-se, sempre que possível, o 2.º trimestre de 2016.

No 2.º trimestre de 2016, o Produto Interno Bruto (PIB) português apresentou um crescimento de 1,0% face ao mesmo período de 2015 (com base nos dados do Eurostat), mantendo assim o ritmo de crescimento verificado no 1.º trimestre (variação de 1,0%).

Conforme divulgado pelo INE, foi registada no 2.º trimestre uma diminuição do contributo da procura interna para a variação homóloga do PIB, passando de 1,7 pontos percentuais

(p.p.) no trimestre precedente para 0,6 p.p., refletindo sobretudo o crescimento menos intenso do consumo privado e a redução mais expressiva do investimento. O contributo da procura externa líquida aumentou para 0,2 p.p. (no 1.º trimestre de 2016 tinha-se registado um contributo negativo de 0,7 p.p.), verificando-se uma desaceleração das importações de bens e serviços mais acentuada que a verificada nas exportações de bens e serviços.

Relativamente ao 1.º trimestre de 2016, conforme divulgado pelo INE, o PIB registou uma taxa de variação em cadeia de 0,3% em termos reais (0,2% nos dois trimestres

anteriores). O contributo da procura interna para a taxa de variação em cadeia do PIB foi 0,2 p.p. e o contributo da procura externa líquida também foi positivo (0,1 p.p.), devido ao crescimento das exportações de bens e serviços mais intenso que o das importações de bens e serviços.

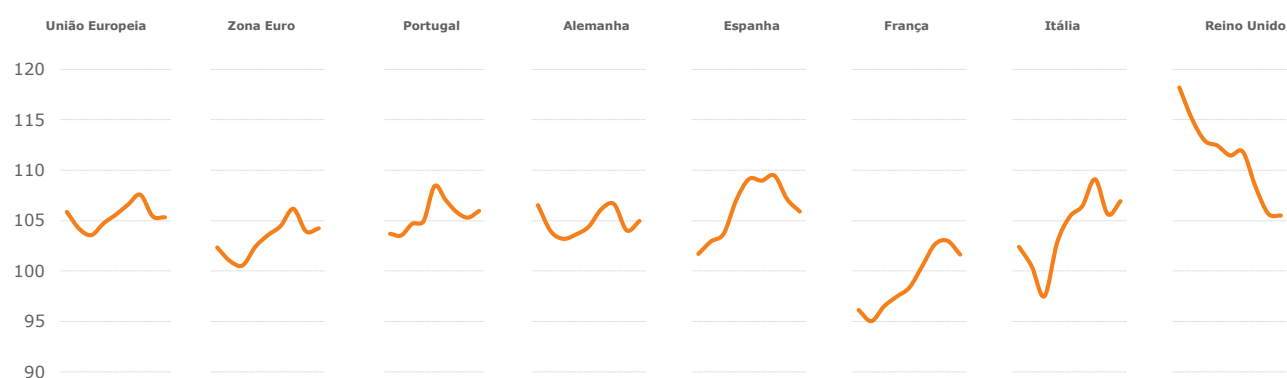
O indicador de sentimento económico da Comissão Europeia subiu para Portugal no 2.º trimestre de 2016, contrariando a redução marginal verificada no 1.º trimestre de 2016.

Países como Alemanha e Itália evidenciaram uma evolução semelhante na variação em cadeia, tendo registado aumentos consecutivos desde o 1.º trimestre de 2015, seguidos de uma interrupção no 1.º trimestre de 2016. Em contrapartida, países como

Espanha, França e Reino Unido evidenciaram evoluções negativas na variação em cadeia. Importa salientar que a Espanha já tinha registado no 1.º trimestre do ano uma quebra em cadeia do sentimento económico, embora mais expressiva do que a verificada no trimestre em análise, ao passo que a França manteve o crescimento em cadeia deste indicador desde o 4.º trimestre de 2014.

De salientar que o Reino Unido registou um andamento completamente distinto dos países mencionados anteriormente. O indicador de sentimento económico tem vindo a diminuir em cadeia desde o 3.º trimestre de 2014, apresentando uma pequena melhoria somente no 3.º trimestre de 2015 e retomando a tendência de queda logo no trimestre seguinte.

### *Evolução do indicador de sentimento económico: Portugal, Zona Euro, UE e principais economias europeias*



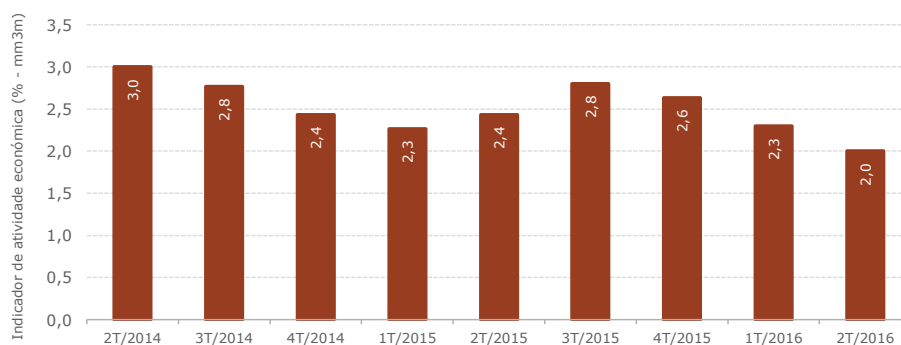
Fonte: Comissão Europeia

O indicador de atividade económica, que se encontrava relativamente estável entre o 4.º trimestre de 2014 e o 2.º trimestre de 2015 e apresentou uma evolução positiva de 0,4 p.p. no 3.º trimestre de 2015 face ao trimestre anterior

(posicionando-se, assim, nos 2,8%), iniciou deste então uma trajetória descendente, tendo terminado o 2.º trimestre de 2016 nos 2,0%, o que corresponde a uma contração de 0,4 p.p. face a igual período de 2015.



### *Evolução do indicador de atividade económica*



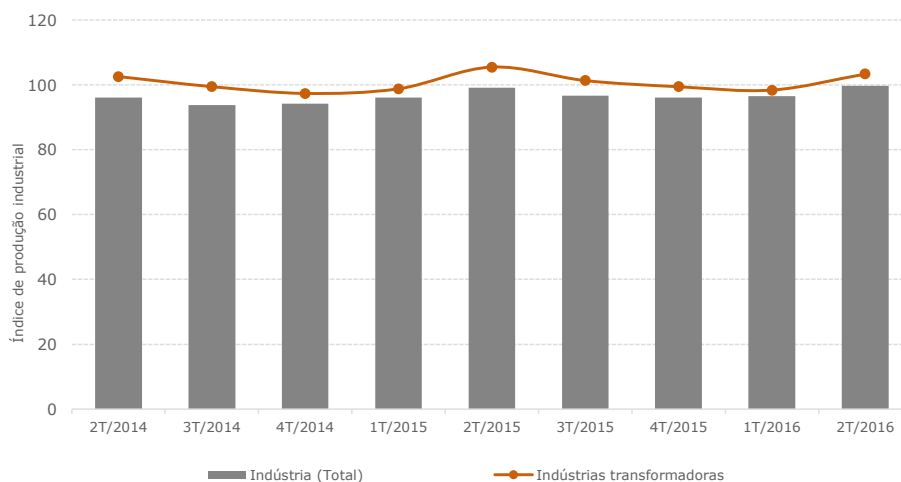
Fonte: INE

Após dois trimestres consecutivos com variações em cadeia negativas, o índice de produção industrial para o total da indústria portuguesa cresceu no 1.º e no 2.º trimestres de 2016, registando uma subida homóloga de 0,6% no trimestre em destaque.

Por seu lado, o índice da indústria transformadora

apenas registou uma evolução em cadeia positiva no 2.º trimestre de 2016, tendo desde a segunda metade do ano 2015 evidenciado uma evolução negativa. Em termos homólogos, no 2.º trimestre de 2016, o índice de produção industrial na indústria transformadora evidenciou uma quebra de 2,1%.

### *Evolução do índice de produção industrial*

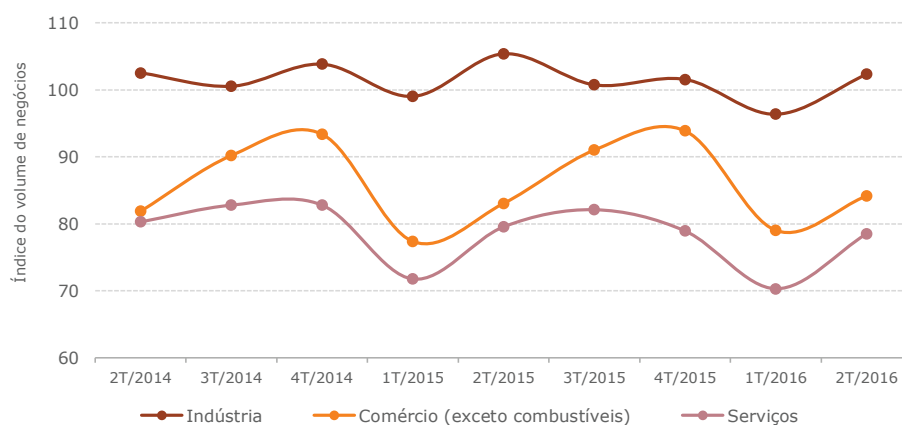


Fonte: INE

No tocante ao índice de volume de negócios, este indicador revela uma tendência de evolução idêntica ao longo do período compreendido entre o 4.º trimestre de 2014 e o 2.º trimestre de 2015 entre os três grandes setores de atividade considerados (indústria, comércio e serviços), não obstante os valores superiores registados, sistematicamente, pela indústria.

Após este período, o cenário alterou-se, primeiro, com a queda do índice por parte da indústria e, depois, dos serviços e do comércio. No entanto, após a quebra em cadeia verificada no 1.º trimestre de 2016 no volume de negócios dos três sectores em análise, no 2.º trimestre de 2016 registou-se uma nova recuperação no índice de volume de negócios, nomeadamente ao nível da indústria, dos serviços e do comércio.

## Evolução do índice do volume de negócios total por grandes setores de atividade



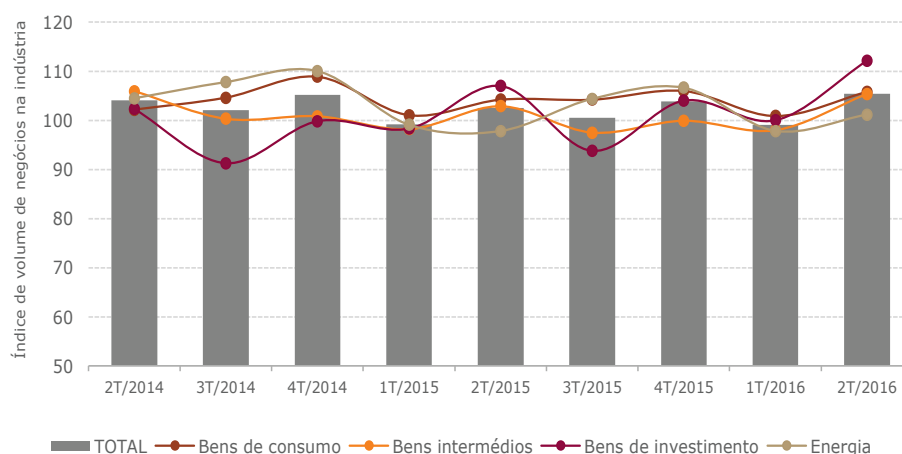
Fonte: INE

O índice de volume de negócios na indústria registou no 2.º trimestre de 2016 uma subida homóloga de 2,8%, para a qual contribuíram as subidas registadas ao nível da energia e dos bens de consumo, intermédios e de investimento. Os bens de consumo apresentaram um índice superior ao total da indústria ao longo de praticamente todo o período em análise (com a única exceção a ser verificada no 2.º trimestre de 2014), tendo a sua tendência de crescimento acompanhado a dos restantes tipos de bens em questão.

Por outro lado, a energia, que nos últimos três trimestres de 2014 registou índices de volume de negócios superiores aos do total da indústria, passou por uma fase de degradação dos mesmos, tendo evidenciado uma recuperação na 2.ª metade de 2015.

No 2.º trimestre de 2016, os bens de investimento registaram uma subida no seu índice de volume de negócios de cerca de 12,1% face ao trimestre anterior, enquanto os bens de consumo cresceram 4,9%.

## Evolução do índice do volume de negócios total da indústria, por agrupamentos industriais



Fonte: INE

## 2.2. Preços e taxas de câmbio

Em termos homólogos, a taxa de inflação, medida quer pelo Índice de Preços no Consumidor (IPC) quer pelo Índice Harmonizado de Preços no Consumidor (IHPC), permaneceu praticamente inalterada no 1.º e no 2.º trimestres de 2016, posicionando-se na ordem dos 0,5%.

Conforme a análise do INE, a variação homóloga do IPC passou de 0,3% em maio para 0,5% em junho de 2016, sobretudo devido ao aumento do contributo dos preços dos produtos alimentares e bebidas não alcoólicas (classe 1). O indicador de inflação subjacente, correspondente ao índice total excluindo produtos alimentares não transformados e energéticos, registou uma variação homóloga de 0,7%, inferior em 0,1 p.p. à do mês anterior.

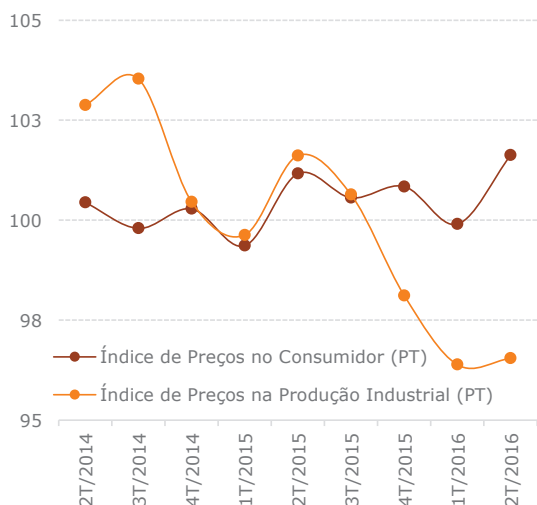
A variação mensal do IPC foi de 0,1% (0,3% em maio e -0,1% em junho de 2015). A variação média dos últimos doze meses fixou-se em 0,6%.

De acordo com o INE, o IHPC português registou uma variação homóloga de 0,7%, taxa superior em

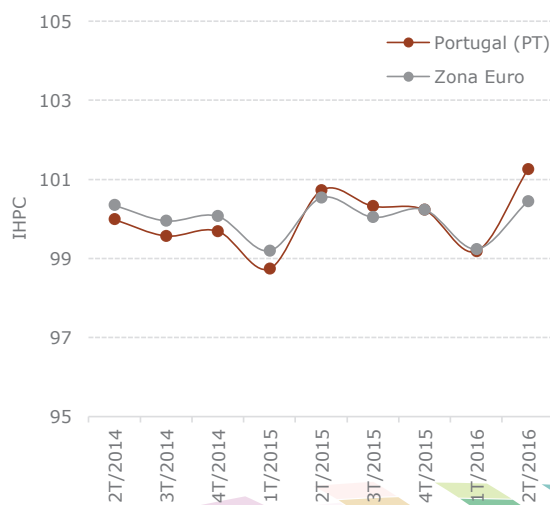
0,3 p.p. à verificada no mês anterior e superior em 0,6 p.p. ao estimado pelo Eurostat para a Zona Euro (em maio esta diferença foi de 0,5 p.p.). A taxa de variação mensal do IHPC situou-se em 0,2% (0,4% no mês anterior e -0,1% em junho de 2015) e a taxa de variação média dos últimos doze meses foi de 0,6% (valor igual ao registado em maio).

Por seu lado, segundo o INE, no caso do Índice de Preços na Produção Industrial (IPPI) no 2.º trimestre de 2016, a taxa de variação homóloga situou-se em -4,0% (variação de -3,0% no 1.º trimestre). O agrupamento de energia foi o que mais influenciou a variação do índice total no trimestre, com um contributo de -3,2 p.p. associado a uma taxa de variação homóloga de -11,7% (-8,6% no trimestre anterior). Sem este agrupamento os preços na indústria diminuiriam 1,2% no 2º trimestre de 2016 depois de terem diminuído 1,1% no trimestre anterior. No 2.º trimestre de 2016, a secção das indústrias transformadoras apresentou uma taxa de variação homóloga de -4,6% (-3,5% no 1.º trimestre).

### *Evolução do IPC e IPPI para Portugal e do IHPC para Portugal e para a Zona Euro*



Fonte: INE e Eurostat

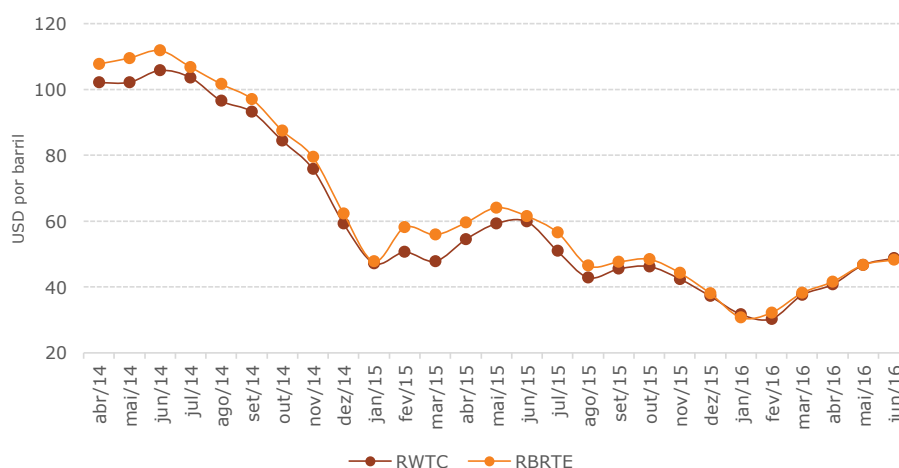


De referir que, a partir do 3.º trimestre de 2015, a diferença entre o IPC e o IPPI ampliou-se, com este último a fixar-se sistematicamente bastante abaixo do primeiro, situação especialmente visível no 2.º trimestre de 2016.

Tomando como referência o IHPC, o diferencial de inflação de Portugal em relação à Zona Euro tem vindo a dilatar-se, tendo passado de uma diferença negativa de 0,06 pontos no 1.º trimestre para uma diferença positiva de 0,81 pontos no 2.º trimestre de 2016.

Ao longo do período considerado nesta análise (abril de 2014 a junho de 2016), o preço do Brent alcançou um máximo de 111,8 dólares por barril em junho de 2014, momento a partir do qual se observou a sua queda generalizada até janeiro de 2015. Durante o ano de 2015, o preço do Brent oscilou entre os 64,1 dólares, registados em maio, e os 38,0 dólares observados em dezembro, fechando os doze meses com um preço médio de 52,4 dólares. Após uma quebra em janeiro de 2016, o preço do Brent subiu até junho, situando-se nos 48,3 dólares, o valor mais elevado no conjunto da primeira metade do ano.

### *Evolução do preço do Brent*



Fonte: EIA

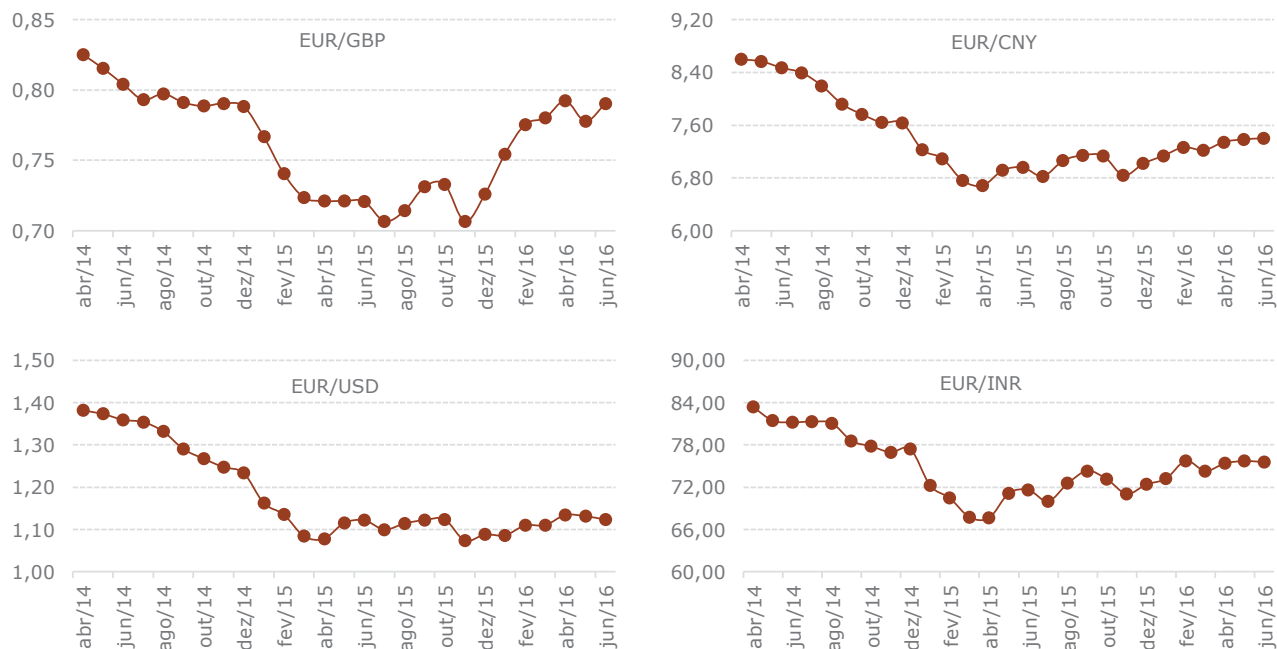
No tocante a taxas de câmbio, no 2.º trimestre de 2016, verificou-se um movimento de apreciação do euro face às moedas dos principais parceiros comerciais portugueses em produtos têxteis e de vestuário.

Relativamente ao dólar, foi verificada no 2.º trimestre de 2016 uma subida homóloga de 2,2% na cotação média, uma variação que contrasta com a descida homóloga de 2,2% registada no trimestre anterior.

Com a libra, verificou-se uma acentuada apreciação do euro, passando-se de uma variação homóloga de 3,6% no trimestre anterior para uma variação de 9,1% no 2.º trimestre de 2016.

Relativamente ao yuan, o euro apreciou 7,7% na comparação homóloga no 2.º trimestre de 2016. No que se refere à rupia indiana, foi verificada uma apreciação homóloga de 7,7% do euro no trimestre em análise.

### *Evolução da taxa de câmbio do euro com as principais moedas com quem Portugal tem relações comerciais no têxtil e vestuário*



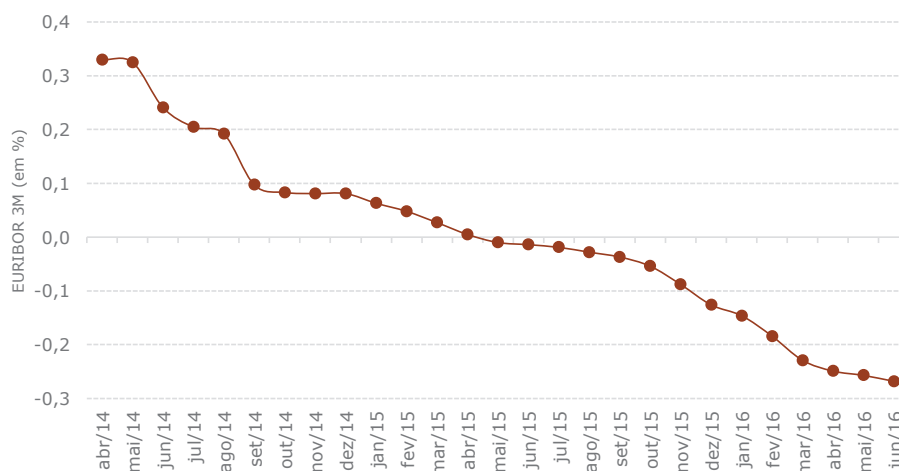
Fonte: Banco de Portugal

## 2.3. Taxas de juro e mercados financeiros

A Euribor a 3 meses, com valores negativos desde maio de 2015, não tem sofrido alterações substantivas, mantendo a tendência de queda ligeira. Com níveis

atualmente negativos, o cenário mais provável que se coloca a prazo é o de subida dos spreads, na tentativa de travar a descida da Euribor.

### *Evolução da taxa Euribor a 3 meses*



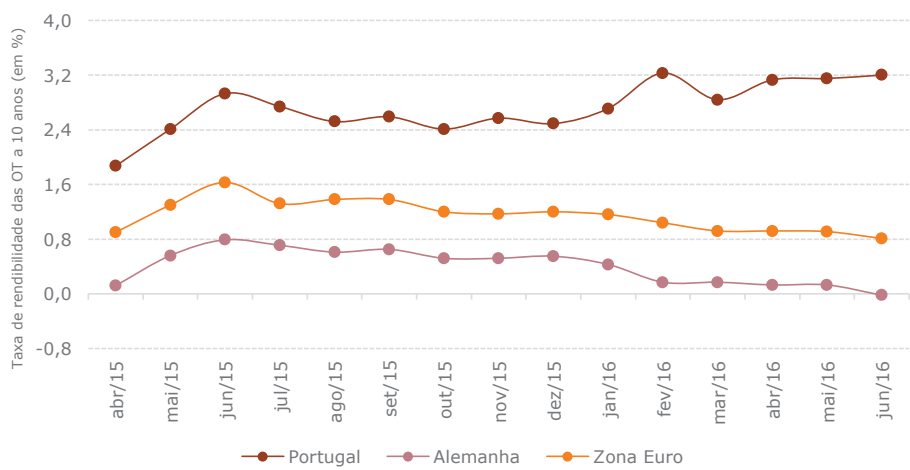
Fonte: EMMI

Em junho de 2016, as yields das Obrigações do Tesouro (OT) português a 10 anos registaram um aumento de 0,27 p.p. face ao período homólogo, passando de 2,93% para 3,20%, o 2.º valor mais elevado que se registou no corrente ano. Efetivamente, as yields apresentaram os três valores mais elevados, desde janeiro de 2015, todos no 2.º trimestre de 2016.

Por sua vez, as yields das OT alemãs registaram uma desaceleração no início do 2.º trimestre de 2016, entrando mesmo em terreno negativo no mês de junho.

Relativamente à Zona Euro, apesar de as yields terem apresentado um andamento semelhante ao da Alemanha no 1.º semestre de 2016, verificou-se, no entanto, que no mês de junho as taxas na comparação homóloga ficaram significativamente abaixo das verificadas em igual período do ano anterior, registrando-se uma quebra de 0,82 p.p.. Considerando a análise desde janeiro de 2015, as yields da Zona Euro registaram o pico máximo em junho de 2015 (1,63%) e o mínimo em junho de 2016 (0,81%).

*Evolução da yield das OT a 10 anos*



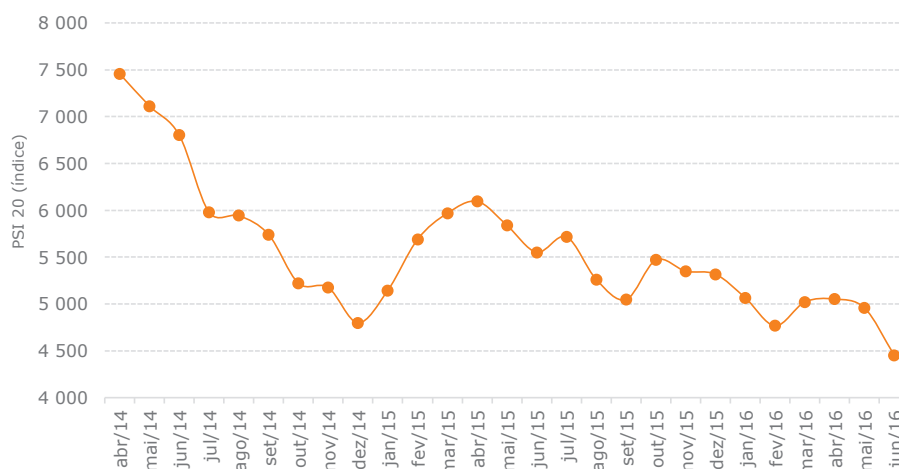
Fonte: Eurostat

O índice PSI20 evidenciou, na variação em cadeia, uma quebra pronunciada em junho de 2016 (-10,2%), que surge após a quebra de 1,9% registada em maio e a subida de 0,6% verificada em abril. O índice encerrou o 1.º semestre de 2016 acumulando uma quebra de 12,1% desde o início do ano e uma quebra

que atinge os 19,8% em termos homólogos.

Ao longo do conjunto de 2016 (dados relativos ao fim do período), o índice evidenciou o valor mais elevado em janeiro (5.065,67 pontos) e o mais baixo em junho (4.453,66 pontos).

### Evolução do mercado de capitais nacional (PSI20)



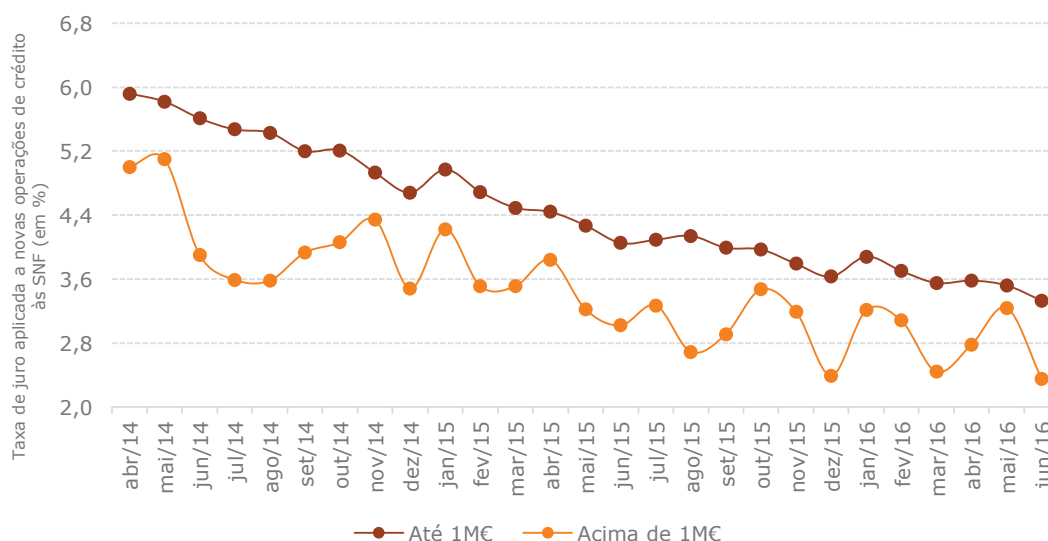
Nota: os dados do PSI20 referem-se ao fim do período.

Fonte: Banco de Portugal

Em junho de 2016 a taxa de juro média dos novos empréstimos concedidos a Sociedades Não Financeiras (SNF) até 1 milhão de euros foi de 3,33%, o que corresponde a diminuições de 0,7 p.p. face ao período homólogo e de 0,2 p.p. em relação ao mês anterior.

Quanto aos empréstimos superiores a 1 milhão de euros, a sua tendência não foi tão linear, tendo registado vários picos e cavas ao longo do período em análise. Ainda assim, com referência a junho de 2016, as taxas de juro destes empréstimos registaram uma diminuição homóloga de 0,7 p.p. e uma diminuição em cadeia de 0,9 p.p..

### Evolução das taxas de juro aplicadas a novas operações de crédito às SNF



Fonte: Banco de Portugal

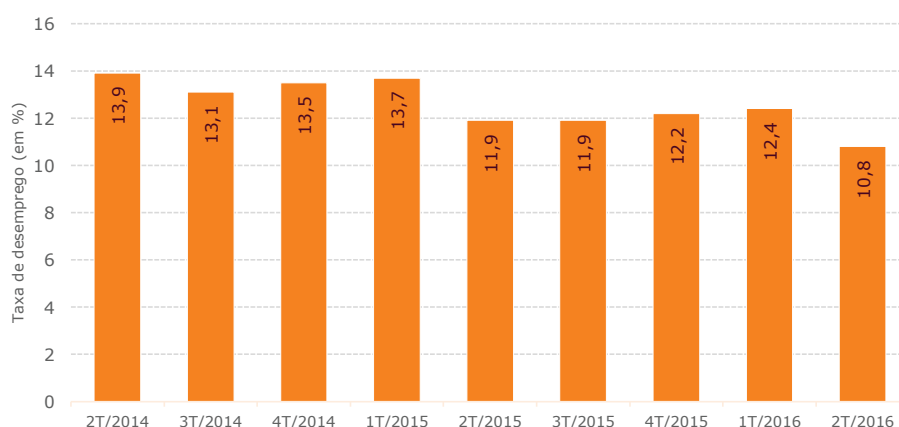
## 2.4. Mercado de trabalho e custos do trabalho

A taxa de desemprego em Portugal situou-se em 10,8% no 2.º trimestre de 2016, evidenciando, assim, uma tendência de descida que não se verificava desde o 2.º trimestre de 2015. O resultado obtido revela uma melhoria face a igual período do ano anterior. Esta evolução reflete uma queda de 1,6 p.p. em cadeia e uma redução de 1,1 p.p. quando considerada a variação homóloga.

Conforme referido na análise do INE, a população desempregada, estimada em 559,3 mil pessoas,

registou uma diminuição trimestral de 12,6% (menos 80,9 mil pessoas) e uma diminuição homóloga de 9,8% (menos 61,1 mil pessoas). A população empregada, estimada em 4.602,5 mil pessoas, verificou um acréscimo trimestral de 2,0% (mais 89,2 mil pessoas) e um acréscimo homólogo de 0,5% (mais 21,7 mil pessoas). A taxa de atividade da população em idade ativa situou-se em 58,3%, valor superior ao observado no trimestre anterior em 0,2 p.p. e inferior ao do trimestre homólogo em 0,3 p.p..

*Evolução da taxa de desemprego em Portugal*



Fonte: INE

O Índice do Custo de Trabalho (ICT) em Portugal (dados do Eurostat), no 2.º trimestre de 2016, registou um crescimento homólogo de 1,0%. De referir que, na evolução em cadeia, o índice aumentou 0,5%. O índice posicionou-se nos 101,3 pontos (ano base 2012).

Este crescimento surge em linha com a tendência registada em período homólogo de 2015, no qual verificou-se um incremento de 2,0% no ICT em Portugal, quando comparado

com igual período de 2014. De referir que o ICT em Portugal tem revelado, sistematicamente, valores inferiores aos da Zona Euro.

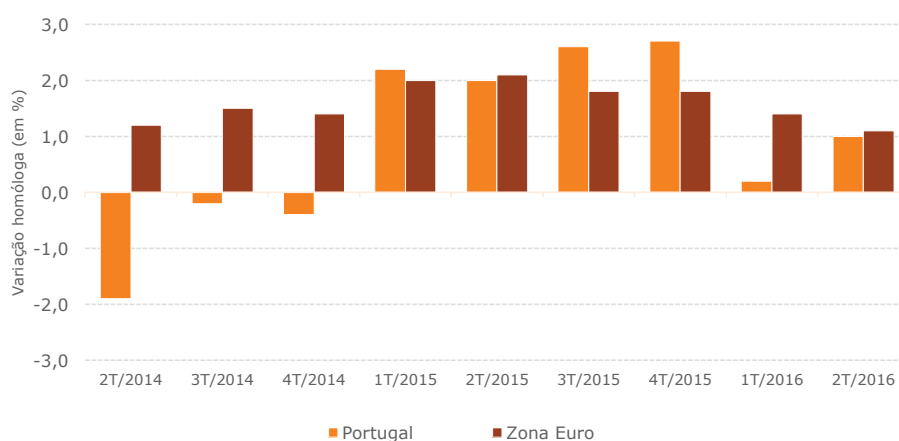
De acordo com o INE e considerando os valores ajustados de dias úteis, no 2.º trimestre de 2016 o ICT registou um acréscimo homólogo de 2,5%, no trimestre anterior foi observado um acréscimo homólogo de 0,7%. As duas principais componentes dos custos do trabalho são os custos salariais e os outros



custos (por hora efetivamente trabalhada). Os custos salariais aumentaram 2,7%, em relação ao mesmo período do ano anterior, e os outros custos aumentaram 1,7%..

Por sua vez, o ICT na Zona Euro apresentou uma taxa de variação homóloga de 1,1%, enquanto a taxa de variação em cadeia foi de 0,2%, ficando este indicador posicionado nos 105,7 pontos no 2.º trimestre do ano.

### *Evolução do índice do custo do trabalho em Portugal e na Zona Euro*



Fonte: Eurostat

## 2.5. Perspetivas para o futuro próximo

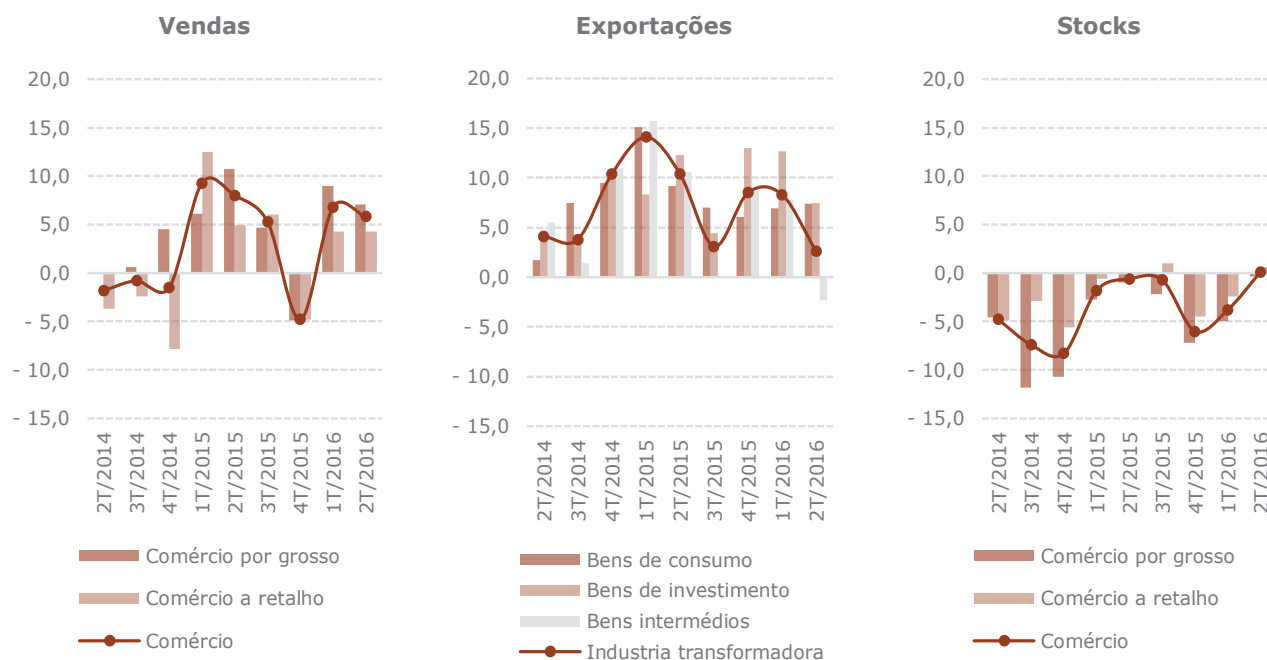
As perspetivas avançadas pelos empresários face ao futuro próximo têm sido moderadamente favoráveis nas últimas inquirições do INE. No que respeita ao volume de vendas, nos dois trimestres de 2016, as perspetivas no comércio em geral revelaram-se positivas, embora com menor intensidade no 2.º trimestre do ano.

No caso das exportações, a confiança do tecido empresarial decresceu no 2.º trimestre de 2016, prejudicada principalmente pelos bens intermédios, que decresceram, e pelos bens de investimento, cujo crescimento desacelerou.

Por seu turno, as empresas perspetivam um ligeiro aumento do nível de existências, especificamente no comércio a retalho, prevendo-se a quebra das existências ao nível do comércio por grosso.

No que concerne à evolução geral da economia, a apreciação das entidades empresariais tem piorado nos últimos trimestres (permanecendo negativa), enquanto as perspetivas sobre a situação económica em geral inverteram no 2.º trimestre de 2016 a tendência de melhoria, antecipando, desta forma, um desempenho económico menos positivo no futuro.

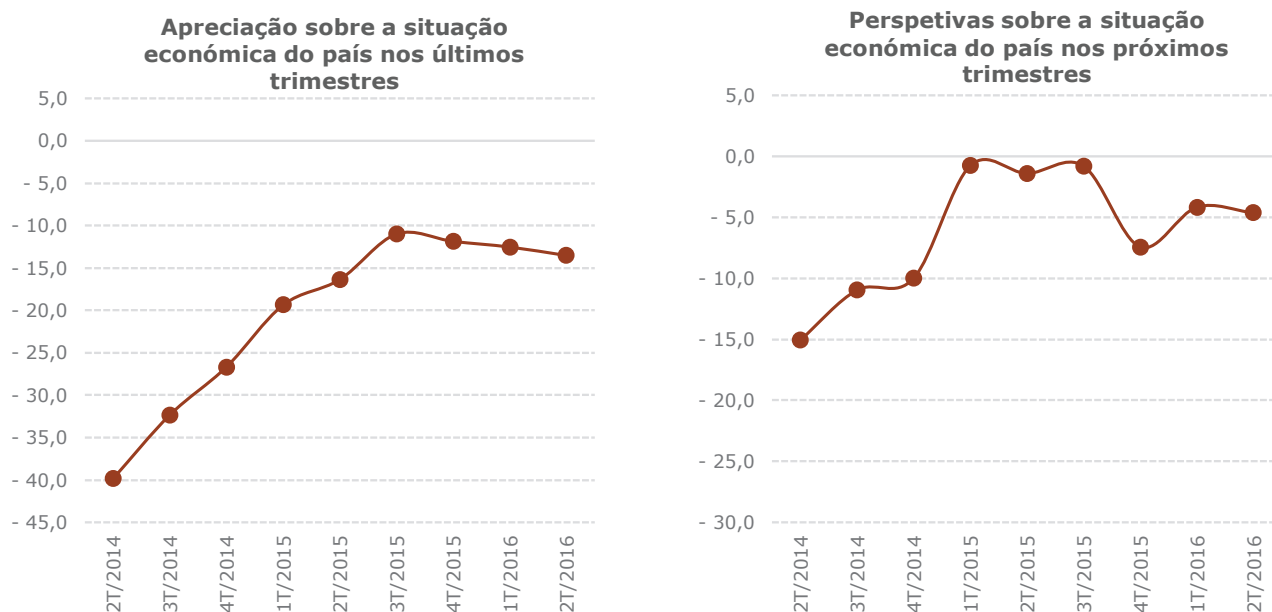
## Perspetivas sobre o volume de vendas, exportações e stocks nos próximos trimestres



Nota: saldo de respostas extremas, em %.

Fonte: INE

## Avaliação da situação económica atual e futura do país



Nota: saldo de respostas extremas, em %.

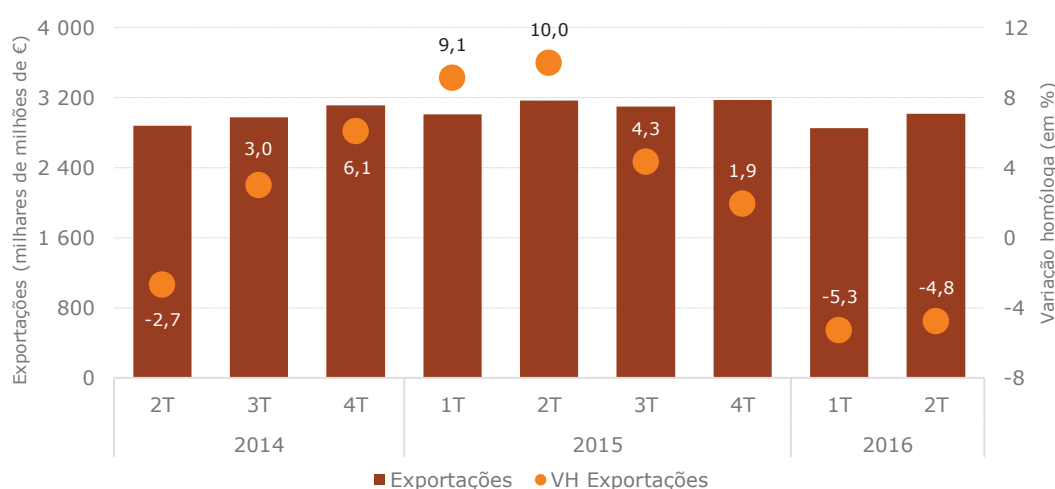
Fonte: INE

### 3. Comércio internacional de têxteis e vestuário

No 2.º trimestre de 2016, as exportações mundiais de mercadorias registaram uma variação negativa de 4,8% em relação ao período homólogo, desacelerando assim a tendência de contração das trocas internacionais, evidente no 1.º trimestre do ano (com base nos dados preliminares disponíveis no ITC).

Considerando este desempenho negativo no conjunto da primeira metade do ano, poderá ocorrer que, no conjunto, o ano de 2016 evidencie uma quebra do comércio internacional, algo que não acontece desde 2009, na sequência dos fortes efeitos da crise económica e financeira de 2007/2008, iniciada no mercado do sub-prime norte americano.

*Evolução do comércio mundial de mercadorias*



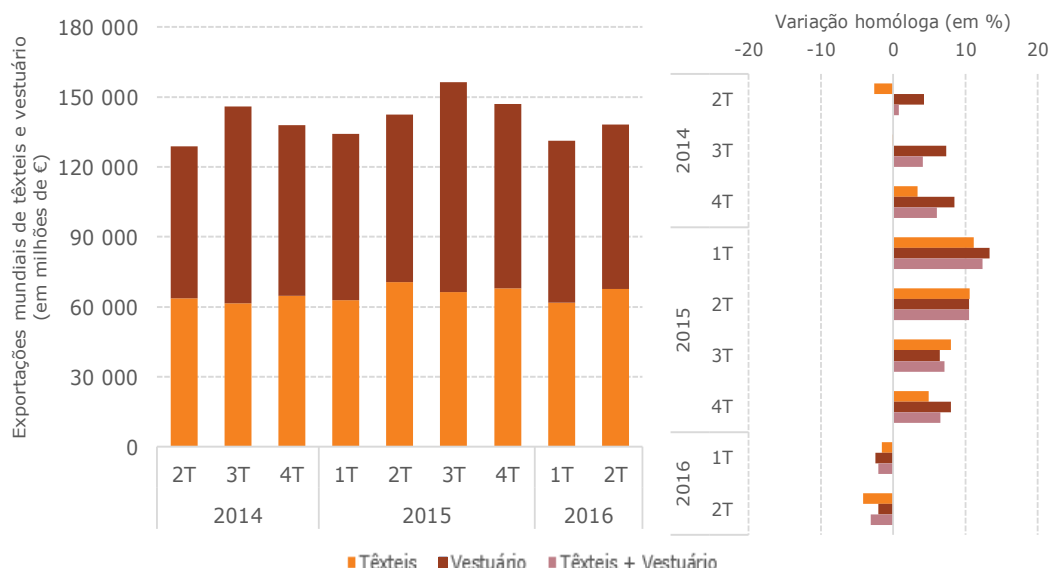
*Nota: considerados apenas os países com dados trimestrais nos últimos 3 anos: entre 2013 e 2016 (estes países representam mais de 90% das exportações mundiais).*

*Fonte: ITC*

No respeitante a têxteis e vestuário, no conjunto do 2.º trimestre de 2016, as exportações destes produtos representaram 4,6% do total das exportações mundiais de mercadorias. Em termos homólogos e considerando os dados preliminares disponíveis no ITC, as

exportações mundiais de têxteis e vestuário registaram uma variação negativa de 3,1%, tendo sido a categoria de têxteis a que mais influenciou este resultado (quebra homóloga de 4,1%), com as exportações de vestuário a caírem 2,0%.

## Evolução do comércio mundial de produtos de têxtil e vestuário



Nota: valores em milhões de €.

Fonte: ITC

Na UE, no 2.º trimestre de 2016, a Itália e a Alemanha foram os principais países exportadores de têxteis e vestuário, os quais, no seu conjunto, representam 35% das exportações comunitárias. De salientar que, nos dois casos, foi registada uma variação homóloga positiva, com as exportações a crescerem 2,4% na Itália e 4,5% na Alemanha.

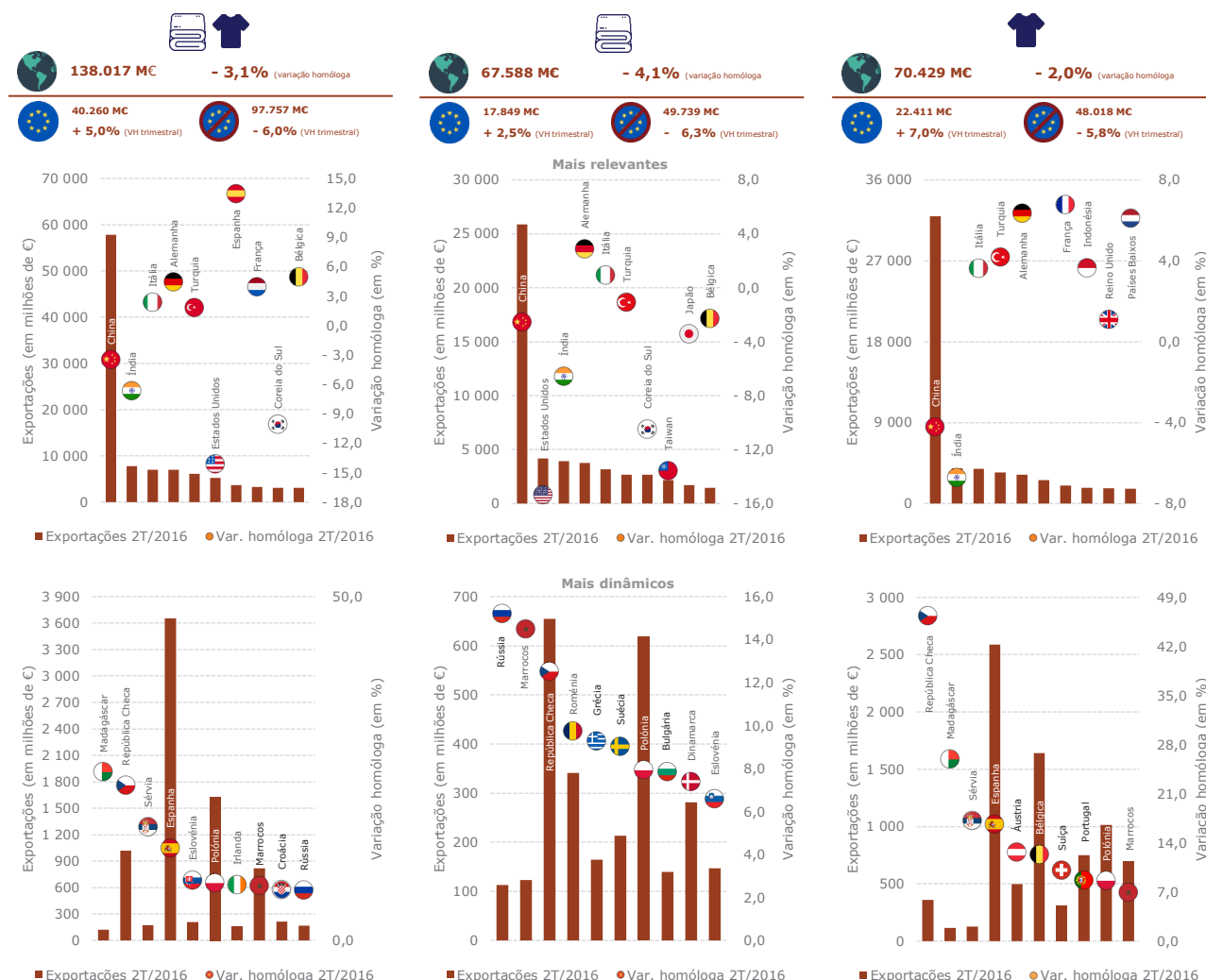
Alargando o espectro para o mundo, a China ocupa o lugar de liderança enquanto principal exportador de têxteis e vestuário (quota de 42%), apesar da quebra registada no valor das suas exportações face ao período homólogo (descida de 3,5%).

No âmbito da análise dinâmica e considerando os exportadores mais relevantes (com exportações no trimestre superiores a 100 milhões de euros), Madagáscar foi o país que mais cresceu face ao trimestre homólogo (+24,5%). No âmbito desta análise, de destacar também a República Checa, a Sérvia e a Espanha, entre os países mais dinâmicos no 2.º trimestre de 2016.

Nos produtos têxteis, em termos de relevância, são a China, os Estados Unidos, a Índia e a Alemanha, os países que mais se destacam nas exportações, respondendo em conjunto por uma quota mundial de 56%. Em termos de dinâmica, são a Rússia, Marrocos e a República Checa, os países que ocupam as primeiras posições. Importa realçar ainda a dinâmica da Alemanha no trimestre em análise, dada a sua relevância no mercado internacional.

Por sua vez, do lado das exportações de artigos de vestuário, a China continua a liderar o ranking dos exportadores mais relevantes, com um contributo de 45% do total das exportações, embora tenha registado uma contração face ao mesmo período do ano anterior (quebra de 4,2%). Em termos dinâmicos, o destaque vai para a República Checa, Madagáscar, a Sérvia e a Espanha, sendo também de destacar a dinâmica conseguida por parte da Alemanha, da França e dos Países Baixos, entre os principais exportadores mundiais.

## Exportadores mundiais de têxtil e vestuário com maior relevância e maior dinâmica



Nota: valores em milhões de €, na análise dinâmica é considerado o limite mínimo de 100M€.

Fonte: ITC

A UE tem um peso bastante considerável no total das importações de têxteis e vestuário mundiais, com uma quota de 44%, para a qual a Alemanha é o país que mais contribui (representa 19% das importações comunitárias), seguindo-se o Reino Unido (12%), a França (11%) e a Itália (10%).

Do ponto de vista mundial, são os Estados Unidos que lideram o ranking, com uma quota de 20%, sendo também de destacar o Japão (6%) e a China (5%).

Em termos específicos dos produtos têxteis, as importações mundiais no 2.º trimestre de 2016 permaneceram sob o domínio dos Estados Unidos, da China e da Alemanha, que, no conjunto, foram responsáveis por uma quota de 30% das importações mundiais destes produtos.

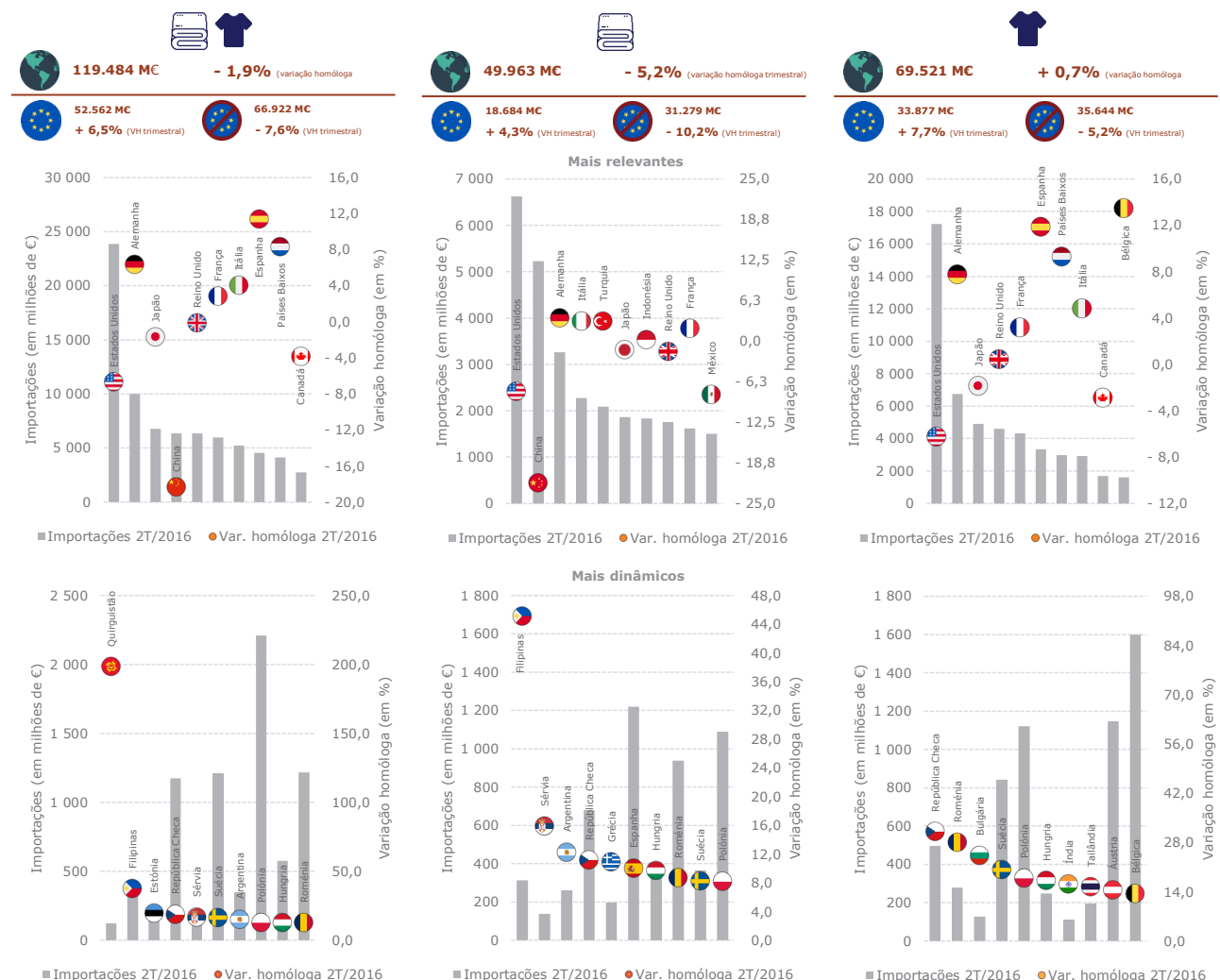
No âmbito dos produtos de vestuário, a China perde relevância, sem sequer surgir entre os dez principais importadores mundiais. Desta feita, os maiores importadores mundiais no 2.º trimestre

de 2016 foram os Estados Unidos, a Alemanha e o Japão, que concentraram 42% do total das importações do trimestre.

No que se refere ao crescimento das importações no 2.º trimestre de 2016 face ao mesmo período do ano anterior, no cômputo dos produtos de têxtil e vestuário, o Quirguistão foi o país que mais cresceu.

Concentrando a análise nos países de maior relevância, destaca-se a dinâmica registada por: Alemanha, Itália, Espanha e Países Baixos. No entanto, enquanto na Alemanha e na Itália, esta dinâmica decorreu das importações conjuntas de têxteis e de vestuário, na Espanha e nos Países Baixos resultou fundamentalmente das importações de vestuário.

### Importadores mundiais de têxtil e vestuário com maior relevância e maior dinâmica



Nota: valores em milhões de €, na análise dinâmica é considerado o limite mínimo de 100M€.  
Fonte: ITC

## 4. Têxtil e vestuário em Portugal

### 4.1. Evolução da atividade económica

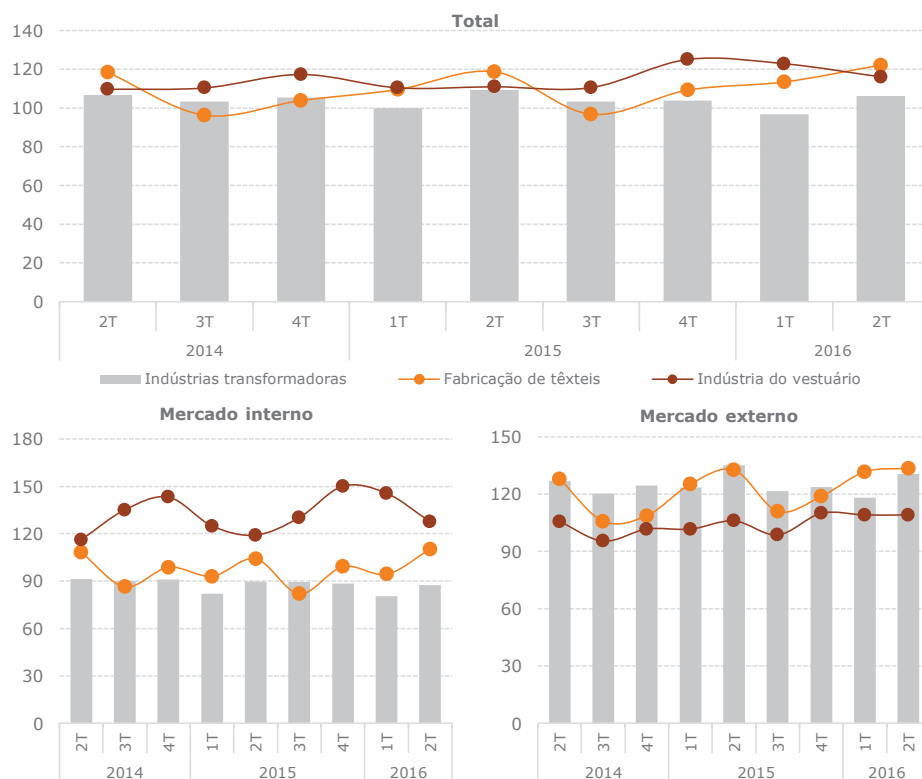
No 2.º trimestre de 2016, o índice de volume de negócios para o conjunto de todas as indústrias transformadoras foi de 106,2 pontos, estando, por conseguinte, acima do patamar registado em 2010, ano base para o cálculo dos valores índice, mas abaixo do valor registado no período homólogo de 2015.

A indústria do vestuário tem apresentado continuamente índices de volume de negócios superiores aos da indústria transformadora. O mesmo não aconteceu no caso da indústria têxtil nacional, que em diversos trimestres apresentou valores inferiores aos da indústria transformadora.

Esta diferença pode justificar-se pelo melhor desempenho que a indústria do vestuário tem no mercado interno face ao ano base (2010). De facto, no trimestre em análise, a indústria do vestuário faturou perto de 28% acima do valor médio registado em 2010.

Já a fabricação de têxteis reforçou a sua orientação para o exterior, mantendo ao longo de 2016 um nível de faturação nos mercados externos 30% superior na comparação com o ano de 2010. O 2.º trimestre de 2016 foi mais positivo para a indústria têxtil, em comparação com o anterior, resultado fundamentalmente de uma melhoria do desempenho no mercado interno.

#### *Evolução do volume de negócios na indústria*



Nota: Base = 2010; médias trimestrais.

Fonte: INE

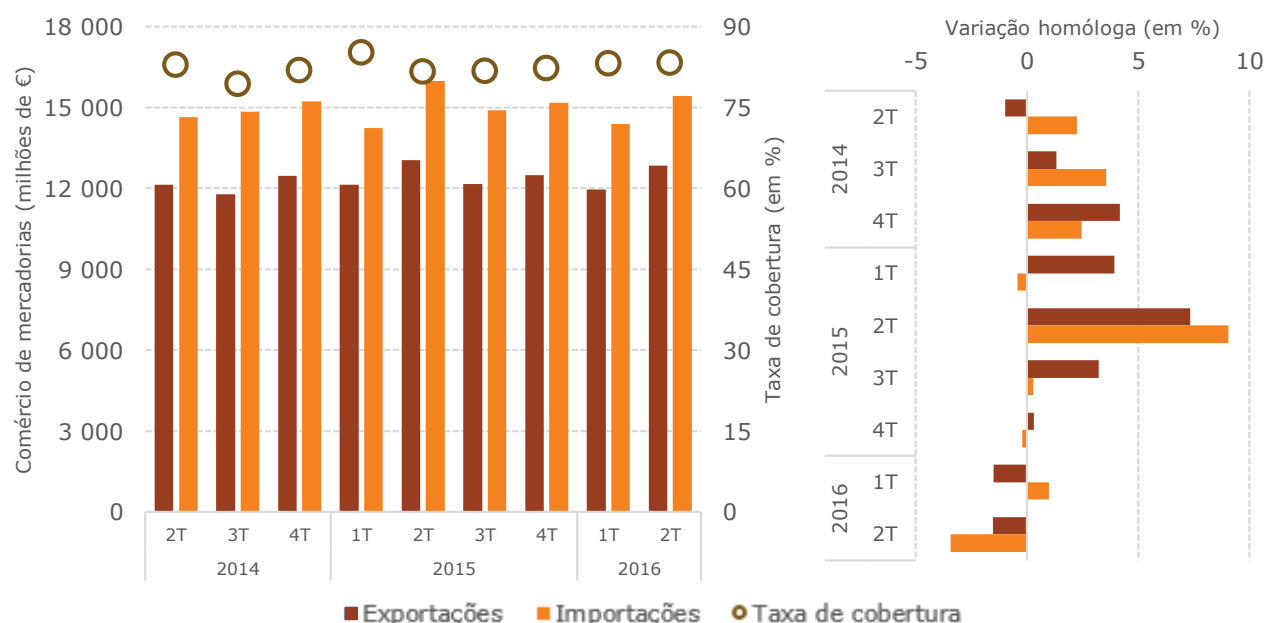
## 4.2. Relevância do comércio internacional

As exportações portuguesas de mercadorias no 2.º trimestre de 2016 foram de 12,8 mil milhões de euros, mais 7,4% do que no 1.º trimestre e menos 1,5% face ao período homólogo de 2015. Por seu lado, também as importações apresentaram uma variação positiva em cadeia (crescimento de 7,2%) e variação negativa em termos da comparação homóloga (quebra de 3,4%), tendo

atingido os 15,4 mil milhões de euros.

Para além de a balança comercial ser deficitária no 2.º trimestre de 2016 e do seu agravamento em relação ao trimestre anterior, a diferença entre exportações e importações aumentou em comparação com o período homólogo, sendo registado um acréscimo de 12,0% neste indicador.

*Evolução do comércio internacional português de mercadorias: exportações, importações e taxa de cobertura*



Fonte: INE

A indústria têxtil e de vestuário, vista no seu conjunto, é um dos setores industriais em que Portugal apresenta claras vantagens comparativas reveladas e um bom posicionamento competitivo internacional, o que se deve muito ao contributo do saldo comercial dos produtos de vestuário.

No cômputo geral das exportações portuguesas de mercadorias, no 2.º trimestre de 2016, as exportações de produtos de têxtil e vestuário

responderam por 10,0% do total, com destaque para o vestuário, com uma quota de 5,8%.

Face ao período homólogo, o valor das exportações de têxteis e vestuário registou uma subida de 7,0% no 2.º trimestre de 2016. Este resultado deve-se, sobretudo, ao aumento das vendas de vestuário (crescimento de 9,5%), com as exportações de têxteis a crescerem 3,7%.

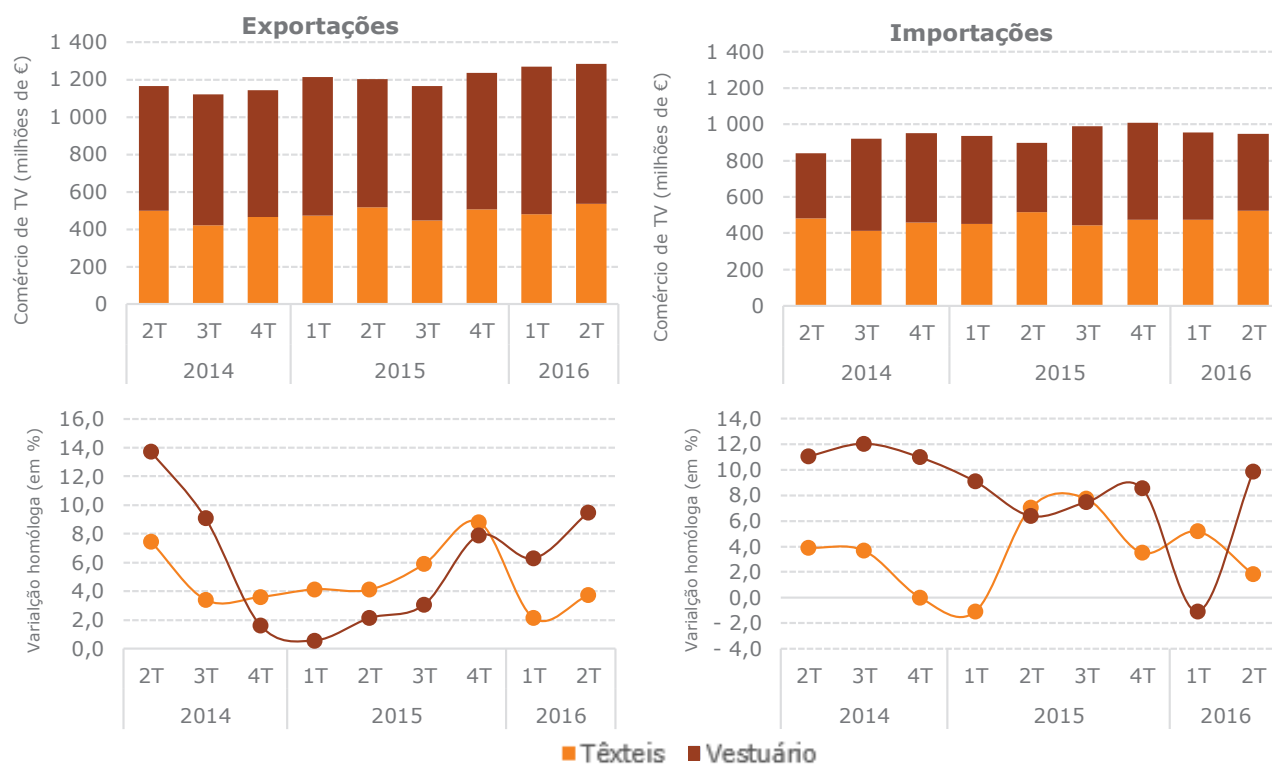
Por seu lado e para o mesmo período de análise,



as importações de têxteis e vestuário registaram uma variação homóloga positiva de 5,2%, consequência das subidas registadas tanto nas

importações de vestuário (crescimento de 9,8%), como nas importações de têxteis (crescimento de 1,8%).

### *Dinâmica e posicionamento das exportações e importações portuguesas de têxtil e vestuário*



Fonte: INE

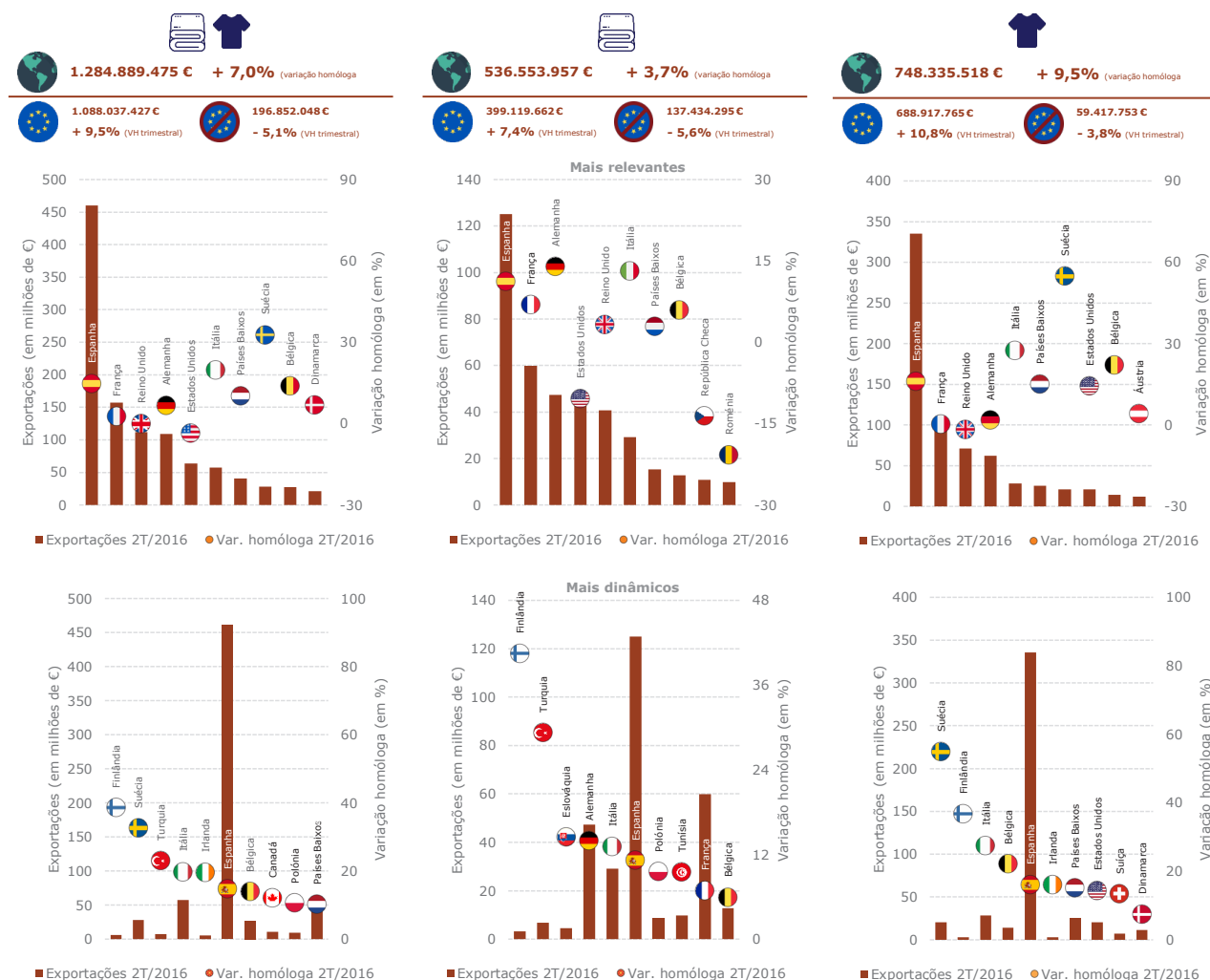
Os principais mercados de exportação de produtos de têxtil e vestuário portugueses seguem o padrão geográfico das exportações do total de mercadorias, isto é, uma forte orientação para o comércio intracomunitário (85% do total no 2.º trimestre de 2016).

Espanha, França, Reino Unido e Alemanha, ocupam os lugares cimeiros do ranking de destinos de produtos de têxtil e vestuário portugueses no 2.º trimestre de 2016, cenário que se intensificou face ao período homólogo. Quando analisamos separadamente os dois

agregados de produtos, constata-se que os dois primeiros países integram o grupo de destino líder tanto das exportações de produtos têxteis (quota de mercado de 34%) como dos artigos de vestuário (quota de cerca de 58%).

Por outro lado, Finlândia, Suécia, Turquia e Itália, são os países com maior crescimento entre os destinos das exportações portuguesas de têxteis e vestuário. Enquanto a Finlândia e a Turquia se revestem de importância nas exportações de têxteis, na dinâmica das exportações de vestuário o destaque vai para a Suécia, a Finlândia e a Itália.

## Principais mercados de destino das exportações portuguesas dos produtos de têxtil e vestuário



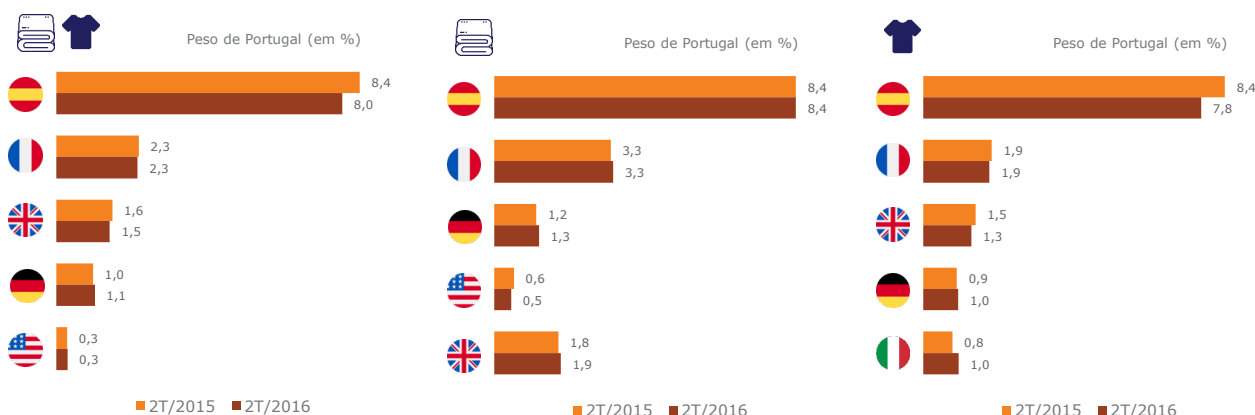
Nota: valores em milhões de €, na análise dinâmica é considerado o limite mínimo de 3M€.

Fonte: INE

Segundo os dados disponíveis para o 2.º trimestre de 2016, a Espanha é o país no qual Portugal apresenta uma quota mais significativa (8,0%). Esse posicionamento é mais forte quando consideradas apenas as exportações de produtos têxteis (8,4%). Quando comparada com o valor registado no período homólogo, aquela quota revela uma trajetória

ascendente no conjunto dos produtos de têxtil e vestuário. Na realidade, este é o único mercado onde Portugal deteve uma posição dominante no 2.º trimestre de 2016, cingindo-se a posicionamentos menos relevantes nos restantes mercados analisados, apenas ficando ligeiramente acima dos 3% das importações de produtos têxteis por parte da França.

## Posicionamento e evolução de Portugal nos 5 mercados mais relevantes



Fonte: Eurostat e OTEXA

Tal como se verificou nas exportações, também as importações portuguesas de produtos de têxtil e vestuário têm como principal origem o mercado intracomunitário (78% do total no 2.º trimestre de 2016). Espanha, Itália, Alemanha e França, lideram o ranking, sendo de destacar a subida de 9,4% nas importações provenientes da Espanha. De salientar também a subida no valor das importações provenientes da Alemanha (crescimento de 12,4%) e da França (crescimento de 12,0%). Por outro lado, República Checa, Bangladesh e Índia, são os países que apresentaram o maior crescimento homólogo nas importações portuguesas de têxteis e vestuário.

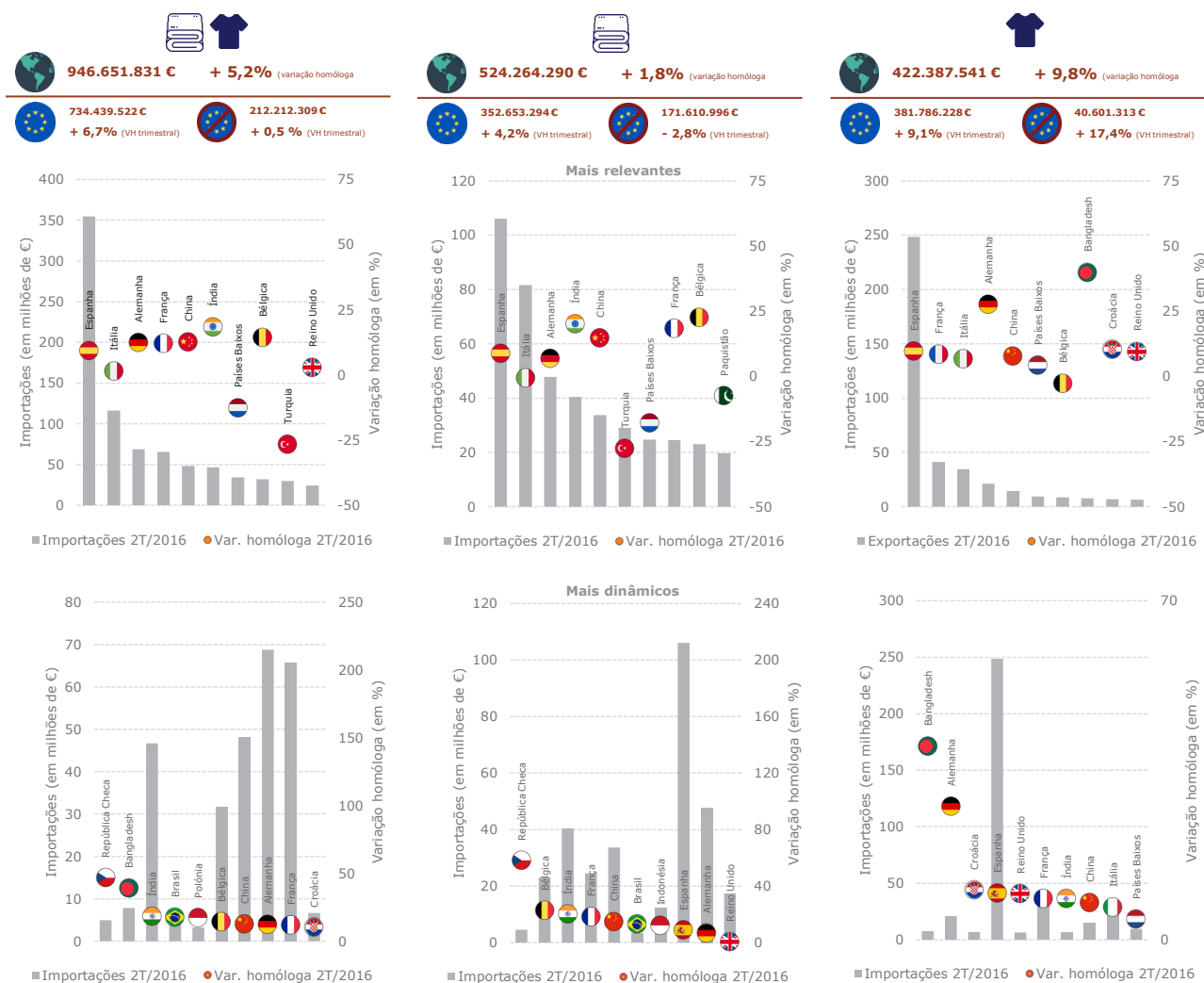
A dinâmica da República Checa destaca-se claramente nas importações de produtos têxteis, com uma variação de 58,1%. Em contrapartida, o Bangladesh merece destaque nas importações de vestuário, com um crescimento homólogo

de 39,9%, sendo nestes produtos de destacar também o caso da Alemanha (crescimento de 27,6%) e da Croácia (crescimento de 10,3%).

Importa ainda realçar, no âmbito das importações de vestuário, as subidas homólogas verificadas nas importações provenientes da Espanha (crescimento de 9,6%), da França (crescimento de 8,5%) e da Itália (crescimento de 6,7%).

O padrão geográfico das importações de vestuário de “baixo custo” parece estar a alterar-se, com uma reorientação para países como o Bangladesh e a Índia, em detrimento dos produtos chineses. O mesmo não está a acontecer em relação aos produtos têxteis. A China foi a 5.ª origem mais relevante dos têxteis importados, tendo apresentado um crescimento homólogo de 14,8%, seguida pela Turquia (na 6.ª posição), mas com uma quebra de 27,6%.

## Principais mercados de importação de produtos de têxtil e vestuário



Nota: valores em milhões de €, na análise dinâmica é considerado o limite mínimo de 3M€.

Fonte: INE

### 4.3. Estrutura do comércio internacional

Dada a especialização produtiva de Portugal, não é de estranhar que os grupos de produtos ligados ao vestuário sejam os que assumem os lugares cimeiros nos rankings das exportações de têxteis e vestuário. Apesar da forte dinâmica vivenciada no 2.º trimestre de 2016 pelas exportações de vestuário de malha (+13% face ao período homólogo), foram as exportações de “fibras e tecidos de seda” e de “fibras, fios e tecidos de

algodão” que maior crescimento registaram ao longo do trimestre em questão.

Ao nível das importações, o vestuário (principal produto) cresceu em termos agregados no 2.º trimestre de 2016 e, na comparação com o período homólogo, o destaque vai para o vestuário “de malha” (crescimento de 12%), quer para o vestuário “exceto de malha” (crescimento de 8%).

## Estrutura das exportações portuguesas de têxtil e vestuário por grupo de produtos

<b>61. Vestuário e seus acessórios de malha</b> 512 211 599 €    VH: ↑ 13%    VHa: ↑ 12%	<b>62. Vestuário e seus acessórios, excluindo malhas</b> 236 123 919 €    VH: ↑ 2%    VHa: = 0%
<b>63. Outros artefactos têxteis confeccionados</b> 159 989 413 €    VH: ↑ 6%    VHa: ↑ 3%	<b>56. Pastas, feltros e cordoaria</b> 74 369 973 €    VH: ↓ 2%    VHa: ↓ 2%
<b>55. Fibras sintéticas ou artificiais, desc.</b> 64 082 558 €    VH: ↓ 10%    VHa: ↓ 11%	<b>59. Tecidos impregnados e revestidos</b> 60 800 022 €    VH: ↑ 16%    VHa: ↑ 14%
<b>52. Algodão (fibras, fios e tecidos)</b> 47 753 405 €    VH: ↑ 26%    VHa: ↑ 22%	<b>60. Tecidos de malha</b> 38 244 517 €    VH: ↑ 5%    VHa: ↑ 7%
<b>58. Tecidos especiais e tufados</b> 30 371 187 €    VH: ↑ 16%    VHa: ↑ 15%	<b>57. Tapetes e outros revestimentos</b> 20 708 068 €    VH: ↑ 6%    VHa: ↑ 13%
<b>51. Lã (fibras, fios e tecidos)</b> 19 561 035 €    VH: ↓ 2%    VHa: ↓ 3%	<b>54. Filamentos sintéticos ou artificiais</b> 19 560 973 €    VH: ↓ 25%    VHa: ↓ 19%
<b>53. Outras fibras vegetais (fibras, fios e tecidos)</b> 1 026 769 €    VH: ↑ 7%    VHa: ↓ 4%	<b>50. Seda (fios e tecidos)</b> 86 037 €    VH: ↑ 153%    VHa: ↑ 134%

## Estrutura das importações portuguesas de têxtil e vestuário por grupo de produtos

<b>62. Vestuário e seus acessórios, excluindo malhas</b> 219 988 134 €    VH: ↑ 8%    VHa: ↑ 2%	<b>61. Vestuário e seus acessórios de malha</b> 202 399 407 €    VH: ↑ 12%    VHa: ↑ 6%
<b>52. Algodão (fibras, fios e tecidos)</b> 141 901 846 €    VH: ↓ 1%    VHa: ↑ 3%	<b>54. Filamentos sintéticos ou artificiais</b> 90 345 325 €    VH: ↓ 1%    VHa: ↑ 1%
<b>55. Fibras sintéticas ou artificiais, desc.</b> 76 247 178 €    VH: ↓ 2%    VHa: = 0%	<b>63. Outros artefactos têxteis confeccionados</b> 38 414 237 €    VH: ↑ 3%    VHa: ↑ 2%
<b>51. Lã (fibras, fios e tecidos)</b> 36 302 242 €    VH: ↑ 4%    VHa: ↑ 4%	<b>59. Tecidos impregnados e revestidos</b> 35 369 208 €    VH: ↑ 15%    VHa: ↑ 7%
<b>60. Tecidos de malha</b> 34 294 656 €    VH: ↑ 13%    VHa: ↑ 11%	<b>56. Pastas, feltros e cordoaria</b> 24 038 975 €    VH: ↓ 8%    VHa: ↓ 3%
<b>57. Tapetes e outros revestimentos</b> 16 214 109 €    VH: ↑ 11%    VHa: ↑ 11%	<b>58. Tecidos especiais e tufados</b> 14 003 769 €    VH: ↑ 1%    VHa: ↑ 8%
<b>53. Outras fibras vegetais (fibras, fios e tecidos)</b> 13 628 814 €    VH: ↑ 14%    VHa: ↑ 14%	<b>50. Seda (fios e tecidos)</b> 3 503 931 €    VH: ↑ 24%    VHa: ↑ 32%

Nota: VH - variação homóloga, VHa - variação homóloga acumulada.  
 Fonte: INE

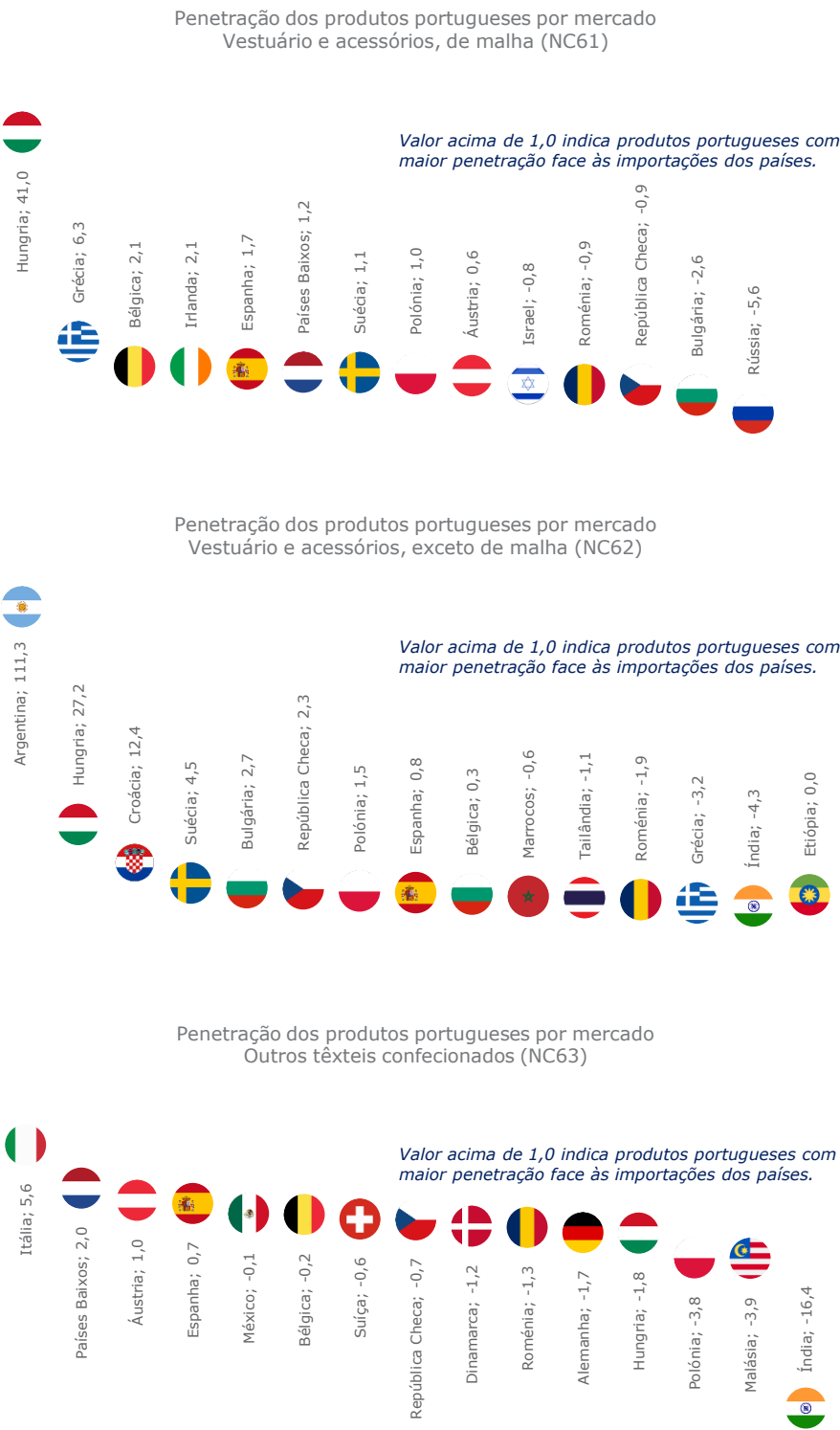
No que se refere aos produtos de vestuário e seus acessórios, de malha (NC61), no 2.º trimestre de 2016 comparativamente ao mesmo período do ano anterior, Portugal conseguiu uma forte penetração em mercados em franca expansão, como: Hungria, Grécia, Bélgica, Irlanda e Espanha, sendo de salientar a perda de relevância na Áustria e na Rússia.

Relativamente aos artigos de vestuário exceto malha (NC62), a Argentina, a Hungria, a Croácia e a Suécia, foram mercados que, simultaneamente, registaram

fortes crescimentos e que se revelaram de grande interesse para as empresas portuguesas.

Nos “outros têxteis confeccionados” (NC63) o destaque vai para o desempenho das exportações destinadas a Itália, sendo também de salientar os Países Baixos. De referir, no entanto, que dentro desta categoria de produtos, a maioria dos mercados mais dinâmicos no trimestre em análise registaram quebras acentuadas como destino das exportações portuguesas.

Grau de alinhamento entre a dinâmica das exportações portuguesas de vestuário e a dinâmica das importações mundiais de vestuário



Nota: consideraram-se os seguintes limites mínimos para as importações: 50M€.

Fonte: análise desenvolvida com base em dados do INE e do ITC

*A informação contida nesta publicação foi obtida de fontes consideradas fiáveis, mas a sua precisão não pode ser totalmente garantida. O CENIT não se responsabiliza por qualquer perda, direta ou potencial, resultante da utilização desta publicação ou dos seus conteúdos. A reprodução de parte ou da totalidade desta publicação é permitida, sujeita a indicação da fonte.*

CENIT – Centro de Inteligência Têxtil

E-mail: [estudos@portugaltexil.com](mailto:estudos@portugaltexil.com)

Web: [www.portugaltexil.com](http://www.portugaltexil.com)

**cenit.**

[www.portugaltextil.com](http://www.portugaltextil.com)  
[cenit@portugaltextil.com](mailto:cenit@portugaltextil.com)